

## EDITORIAL

Quais são, na contemporaneidade, os desafios que se apresentam para a reflexão, interpretação da realidade e crítica nesses momentos de crises e de incertezas? É inegável hoje, apesar de todas os mecanismos de acesso à informação de que se dispõe, parece se ter menos clareza sobre a organização do mundo e sobre o comportamento humano. Aos poucos, o mundo que desde da perspectiva filosófica, sociológica, antropológica e histórica, se apresentava como passível de ser interpretado em um horizonte de verdades, vai sendo desconstruindo diante das emergências de novas realidades. Com isso, as inquietações intelectuais se revelam em perspectivas diversas e, não raramente, em interpretações provisórias, haja vista não serem capazes de incorporarem explicações mais permanentes sobre os emergentes anseios de justiça, autonomia, liberdade, inclusão ou democracia dos diferentes setores da sociedade. A questão aqui colocada se associa as reflexões de Barrington Morris Junior, no livro *Injustiça: As bases da obediência e da revolta*, sobre o esfacelamento das certezas estabelecidas entre o que era uma sociedade justa e injusta, frente a novas questões éticas e políticas que marcaram os novos imperativos sociais e morais, dando sentido as novas necessidades humanas.

Esse, é um desafio para todas as nossas disciplinas vinculadas as áreas sociais e humanas, sobretudo um desafio enfrentado pela filosofia e suas teorias de interpretação. Ao longo do século XX, a construção das novas narrativas sociais, morais e éticas: das lutas pela igualdade, reconhecimento e justiça, pela organização e reorganização do espaço e da comunicação vem se tornando tarefa reflexiva e analítica da filosofia e dos filósofos.

Esses assuntos se apresentam nessa edição especial da Revista Gestão & Aprendizagem. Nela, nossos autores oferecem reflexões que incorporam o giro linguístico e hermenêutico da filosofia de nosso tempo e suas recentes teorias.

O artigo, **Da promoção de coletivos inteligentes pelas vias ético-discursivas de aprendizagens cooperativas fundadas na razão Comunicativa**, os autores Emmanoel de Almeida Rufino (IFPB) e Edna Gusmão de Góes Brennand (UFPB), “desvelam a possibilidade da transformação das comunidades/redes aprendentes do ciberespaço em comunidades ideais de

comunicação, à luz epistêmica dos conceitos de inteligência coletiva (Pierre Lévy) e razão comunicativa (Jürgen Habermas), apontando ainda os que motivados pelos pressupostos habermasianos da racionalidade comunicativa (e seus imperativos ético-discursivos), os sujeitos podem aproveitar o design interativo das redes ciberespaciais para aprender cooperativamente a partir dos saberes e competências que colocam virtualmente em sinergia enquanto interagentes cibernéticos.”

No artigo, **Racionalidade, Cognição e Aprendizagem em Habermas**, de Ralph Bannell, o autor apresenta o conceito de racionalidade comunicativa e sua fundamentação na pragmática formal e a argumentação como mecanismo central ao Discurso, necessário para resgatar ou rejeitar pretensões da validade. Como argumentação, sustenta que a pragmática formal de Habermas não é suficiente para assegurar a validade do conhecimento empírico e nem para justificar uma pretensão de verdade proposital, concluindo que a racionalidade dos interlocutores necessita mais elementos que aqueles analisados por Habermas, para assegurar confiabilidade em conhecimento empírico, especialmente virtudes epistêmicas.

Por sua vez, o artigo, **Religião e Democracia: Parceiras no Pensamento de Habermas**, de Irio Vieira Coutinho Abreu Gomes, defende ser a religião provedora de subsídios para a consolidação ao Estado Democrático, mesmo quando laicidade do Estado se apresente desprovida das dimensões da religião, cosmovisão, ideologia ou filosofia. Seu argumento, baseado na Filosofia da Religião de Habermas, defende ser a religião formadora da racionalidade filosófica secular e conclui apresentando propostas derivadas do próprio Habermas ou nele inspirada.

Em seguida, o artigo, **O Cosmopolitismo Kantiano hoje, na Interpretação de Jünger Habermas e Danilo Zolo**, de Guiseppe Tosi, focaliza a relação entre cosmopolitismo e realismo, categorias interpretativas das relações internacionais no contexto da globalização, questionando a autonomia ou limites dos Estados para cumprirem o direito internacional, trazendo em cena Kant e Habermas com as abordagens do cosmopolitismo e o contraponto de Danilo Zolo na perspectiva realista. O assunto é tratado empiricamente pela situação de “paz” que então vigorava na União Europeia, e atenta em sua

conclusão para a necessidade de algum tipo de cosmopolitismo capaz de superar a concepção absoluta da soberania dos Estados para enfrentar os enormes desafios da globalização, que ameaçam a própria sobrevivência humana.

O trabalho, *¿Dominación dentro del mundo da vida? Honneth contra las “ficciones” derivadas de la teoría de la acción comunicativa*, César Ortega-Esquembre, focaliza a crítica formulada por Axel Honneth à dicotomização habermasiana da sociedade, “sistema” e “mundo da vida”, sob o argumento de que nos subsistemas econômicos e políticos a coordenação comunicativa das ações resulta, em princípio, impossível; Também considera que a reprodução simbólica do mundo da vida se opera desvinculada de toda forma de poder, dominação e estratégia, como defende Habermas. Com essa ideia o autor trata de interpretar a teoria de Honneth sobre a luta pelo reconhecimento como um modelo de teoria crítica da sociedade que faz dos conflitos morais acontecimentos dentro do mundo da vida, seu ponto nevrálgico.

Por fim, o último artigo, *A Hermeneutica Reconstitutiva Habermasiana na Pesquisa em Educação*, de Amarildo Luiz Trevisa, Catia Piccolo Viero Devechi e Gionara Tauchen, aborda as relações que são estabelecidas entre pesquisas teóricas e empíricas no campo da educação, segundo as perspectivas da hermenêutica da suspeita, da hermenêutica filosófica e da hermenêutica reconstitutiva. Baseando-se nessas três dimensões da hermenêutica, trata de encontrar novas configurações capazes de reconhecer a pluralidade interpretativa em diálogo com o horizonte do questionamento sobre o mundo comum.

Esses trabalhos de importância inquestionável, contribuem para enriquecer a reflexão e o debate contemporâneo sobre as novas formas de explicações sobre uma realidade fluida e que aparenta se desmanchar diante das vicissitudes contemporâneas. Aponta, ademais, a necessidade de se estabelecer questionamentos e críticas ante a formulação de interpretações e perspectiva de um presente que já se torna futuro.

**Emília Prestes**

Profa Dra em Estudos Latinoamericanos